

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE NATALENSE PARA O DESENVOLVIMENTO DO RIO GRANDE DO
NORTE

VAGNA CABRAL DE ALMEIDA

RISCANDO E RABISCANDO SOBRE COMIDA:
O uso do desenho no estudo da percepção alimentar de pré-escolares de uma
creche municipal de Natal/RN.

VAGNA CABRAL DE ALMEIDA

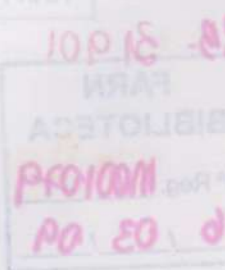
RISCANDO E RABISCANDO SOBRE COMIDA:

O uso do desenho no estudo da percepção alimentar de pré-escolares de uma creche municipal de Natal/RN.

Monografia apresentada ao Curso de Nutrição da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Nutricionista.

Orientador (a): Prof^a Emília Carla de Almeida Alcides.

Natal – RN
2008



Catálogo na Publicação – Biblioteca da FARN
Setor de Processos Técnicos

Almeida, Vagna Cabral de

Riscando e Rabiscando sobre comida: O uso do desenho no estudo da percepção alimentar de pré-escolares de uma creche municipal de Natal/RN/
Vagna Cabral de Almeida. – Natal: FARN, 2008.
46f.

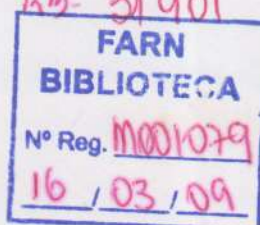
Orientador: Emília Carla de Almeida Alcides

Monografia (Bacharelado em Nutrição) – Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

1. Alimentação Pré-Escolar – Monografia. 2. Educação Nutricional – Monografia. 3. Hábitos Alimentares – Monografia. 4. Creche Municipal de Natal – Monografia. I. Título.

RN/FARN/BC

CDU 612.3-053.2



612.3-053.2
A452M
2008
ex 01

VAGNA CABRAL DE ALMEIDA

RISCANDO E RABISCANDO SOBRE COMIDA:

O uso do desenho no estudo da percepção alimentar de pré-escolares de uma creche municipal de Natal/RN.

Monografia apresentada ao Curso de Nutrição da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, aprovada em 03 de Dezembro de 2008, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^a Emília Carla de Almeida Alcides
Orientadora

Rejane Guedes Pedroza (Nutricionista)
Membro examinador

Maria Joseane Chaves (Pedagoga)
Membro examinador

As crianças da Creche Municipal Nossa Senhora do Espírito Santo, que me encantaram com os seus desenhos e possibilitaram a realização da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu o dom da vida e a oportunidade de realizar o sonho da formação.

Aos meus pais, pelo amor incondicional, apoio e paciência para comigo nos momentos difíceis e por me incentivarem para sempre a formação.

A minha irmã e ao meu sobrinho por sempre estarem ao meu lado, fazendo-me rir nos momentos tristes e compartilhando comigo os momentos alegres.

À M^{te}. Emília Carla, por apoiar a elaboração desta monografia e conduzir seu desenvolvimento transmitindo-me sabedoria com muita paciência e carinho.

Aos demais professores do curso, em especial a S^{ra}. Tereza, que por motivos maiores não pode continuar presente comigo, mas que deixou seus ensinamentos contribuindo para o meu desenvolvimento e formação pessoal e profissional.

Aos colegas de sala, pela força que me deram durante a realização das atividades, quando compartilhavam meus conhecimentos relativos à nutrição através de suas experiências.

A Creche Municipal Nossa Senhora da Esperança, Unidade Mista da Cidade de Esperança, Liga contra o Câncer, Base Naval de Natal e ao Canalour Comércio LTDA, que me auxiliaram colaborando nos períodos de experiências práticas e que além da experiência profissional contribuíram para minha evolução pessoal.

Enfim, a todos os meus familiares e amigos, que direta e indiretamente me deram incentivo para vencer os desafios e concluir tão importante formação em busca de uma vida mais digna.

Às crianças da Creche Municipal Nossa Senhora da Esperança, que me encantaram com os seus desenhos e possibilitaram a execução da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu o dom da vida e a oportunidade de realizar o sonho da formatura.

Aos meus pais, pelo amor incondicional, apoio e paciência para comigo nos momentos difíceis e por me incentivarem para minha formação.

À minha irmã e ao meu sobrinho por sempre estarem ao meu lado, fazendo-me rir nos momentos tristes e comemorando comigo os momentos alegres.

À Ms. Emília Carla, por aceitar a orientação desta monografia e conduzir seu desenvolvimento transmitindo-me estímulo com muita sabedoria e paciência.

Aos demais professores do curso, em especial a Islândia Teixeira, que por motivos maiores não pode continuar presente conosco, mas que deixou seus ensinamentos contribuindo para o nosso desenvolvimento e formação pessoal e profissional.

Aos colegas de sala, pela força que me deram durante a realização das atividades, quando ampliavam meus conhecimentos relativos à nutrição através de suas experiências.

À Creche Municipal Nossa Senhora da Esperança, Unidade Mista da Cidade da Esperança, Liga contra o Câncer, Base Naval de Natal e ao Carrefour Comércio LTDA, que me acolheram colaborando nos períodos de experiências/estágios e que além da experiência profissional contribuíram para minha evolução pessoal.

Enfim, a todos os meus familiares e amigos, que direta e indiretamente me deram incentivo para vencer os desafios e concluir tão almejada formação em busca de uma vida mais digna.

RESUMO

O período pré-escolar compreende a fase da vida entre 2 e 5 anos de idade. Nessa época a criança está começando a adquirir hábitos alimentares que tendem a se solidificar na vida adulta. Assim, educar precocemente para uma alimentação saudável se mostra uma ação salutar diante da complexidade das conseqüências oriundas de uma má alimentação. Considerando a educação escolar como um dos fundamentais meios para a formação do comportamento humano, o presente estudo tem como objetivo conhecer a percepção de pré-escolares sobre o tema alimentação, por meio do desenho e da oralidade, a fim de contribuir para os trabalhos de educação nutricional voltados para esse público. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com o uso de técnicas de análise de conteúdo propostas por Bardin (1999) e Gobbi (2005), as quais associam o desenho e a oralidade, tendo como amostra 29 pré-escolares de uma creche municipal de Natal/RN. Os desenhos coletados foram categorizados de acordo com o número de vezes que uma determinada figura aparecia. As conversas foram gravadas, transcritas e analisadas juntamente aos desenhos. Como resultados foram identificadas as seguintes categorias: 1) Presença da família 2) Arroz e Feijão 3) Hortaliças/Frutas 4) Produtos industrializados 5) Outros alimentos 6) Eletrodomésticos. Dentre as categorias mencionadas a família foi a que mais esteve presente nos desenhos. Nesta, a figura materna foi a que mais se destacou como precursora na formação de hábitos alimentares e como a primeira referência afetiva e socializadora para a criança. Em seguida, o arroz e o feijão predominaram em relação a outros alimentos desenhados, demonstrando que tal combinação permanece sendo o símbolo identitário da cultura alimentar no Brasil e reforçando a importância na ênfase no consumo desses alimentos regionais na infância. Em menor número de vezes, outros elementos foram evidenciados nos desenhos das crianças, tais como: as hortaliças e frutas, os produtos industrializados e os eletrodomésticos. Concluiu-se que, por meio do desenho as crianças puderam se expressar e mostrar o que para elas se faz relevante no que se refere à alimentação. A família, o ambiente, a cultura e o próprio alimento devem ser trabalhados e utilizados na construção de atividades de educação nutricional na fase pré-escolar. O nutricionista pode fomentar nas crianças a autonomia para a escolha de alimentos saudáveis.

Palavras-chave: Alimentação. Desenho. Educação Nutricional. Oralidade. Pré-escolares.

The pre-school understands the stage of life between 2 and 5 years of age. At that time the child is beginning to acquire habits that tend to solidify in adulthood. Therefore, educating early for a healthy diet is shown a salutary action by the complexity of the consequences from a poor diet. Considering the school as one of the fundamental means for the training of human behavior, this study aims to ascertain the perception of children on the theme food, through the design and orality in order to contribute to the work of nutrition education geared to that audience. This is a qualitative research with the use of techniques of content analysis proposed by Bardin (1999) and Gobbi (2005), which involve the design and orality, with the 29 pre-school sample of a municipal kindergarten Christmas / RN. The drawings collected were categorized according to the number of times a particular figure appeared. The conversations were recorded, transcribed and analyzed together to drawings. As results were identified the following categories: 1) presence of family 2) Rice and Beans 3) Vegetable / Fruit 4) Products industrialized 5) Other foods 6) Appliances. Among the categories mentioned the family was the most attended in the drawings. Here the mothers was that most stood out as a precursor in the formation of eating habits and how the first reference affective and socializing for the child. Then, rice and beans prevailed on other foods designed, demonstrating that this combination remains the symbol of identity food culture in Brazil and in reinforcing the importance emphasis on regional consumption of these foods in childhood. To a lesser number of times, other elements are shown in the drawings of children, such as: the vegetables and fruits, industrial products and home appliances. It was concluded that by means of drawing the children were able to express and show what is relevant to them with regard to food. The family, environment, culture and even food must be worked and used for building activities in nutrition education in pre-school. The nutritionist can encourage the children to autonomy for the choice of healthy-foods.

Keywords: Food. Drawing. Nutritional Education. Orality. Pre-school.

LISTA DE ABREVIATURAS

CONSEA – Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional	29
ENDEF – Estudo Nacional sobre Despesas Familiares	29
FARN – Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte	30
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	31
MS – Ministério da Saúde	32
OMS – Organização Mundial de Saúde	33
PNAN – Política Nacional de Alimentação e Nutrição	34
POF – Pesquisa de Orçamentos Familiares	35
SAN – Segurança Alimentar e Nutricional	35
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	37
FIGURA 11 – Desenho de Milena, 5 anos	38
FIGURA 12 – Desenho de Jorge, 4 anos	38
FIGURA 13 – Desenho de José, 5 anos	39
FIGURA 14 – Desenho de Victor, 5 anos	40

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Desenho de Lara, 4 anos.....	29
FIGURA 2 – Desenho de Clarissa, 5 anos.....	29
FIGURA 3 – Desenho de Felipe, 4 anos.....	30
FIGURA 4 – Desenho de Gean, 2 anos.....	31
FIGURA 5 – Desenho de Kátia, 3 anos.....	32
FIGURA 6 – Desenho de Joice, 3 anos.....	33
FIGURA 7 – Desenho de Camila, 5 anos.....	34
FIGURA 8 – Desenho de Marcos, 4 anos.....	35
FIGURA 9 – Desenho de Alex, 4 anos.....	36
FIGURA 10 – Desenho de Fabrício, 4 anos.....	37
FIGURA 11 – Desenho de Milena, 5 anos.....	38
FIGURA 12 – Desenho de Jorge, 4 anos.....	38
FIGURA 13 – Desenho de José, 5 anos.....	39
FIGURA 14 – Desenho de Vitor, 5 anos.....	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS	12
2.2	OBJETIVO GERAL	12
2.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3	REVISÃO DE LITERATURA	13
3.1	A FASE PRÉ-ESCOLAR E SEU COMPORTAMENTO ALIMENTAR	13
3.2	A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR EM BUSCA DA SAN	16
3.3	DESENHO E ORALIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO E NA PESQUISA	20
4	METODOLOGIA	23
5	RESULTADOS	26
6	DISCUSSÕES	28
6.1	A PRESENÇA DA FAMÍLIA	28
6.2	ARROZ E FEIJÃO	31
6.3	HORTALIÇAS/FRUTAS	33
6.4	PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS E OUTROS ALIMENTOS	34
6.5	ELETRODOMÉSTICOS	39
7	CONCLUSÕES	41
	REFERÊNCIAS	42
	ANEXOS	

A escola é propícia à aplicação de programas de educação em saúde em larga escala, incluindo programas de educação nutricional. Estes devem consistir em processos ativos, lúdicos e interativos, que favoreçam mudanças de atitudes e das práticas alimentares (SHARITZ et al., 2018, p. 312).

Por meio de brincadeiras, jogos, desenhos e outras oficinas as crianças além de se divertirem, aprendem a se desenvolver. A escassez de metodologias de pesquisa com crianças fez com que o desenho em conjunto e oralidade se constituíssem em métodos lúdicos e interativos para análise da percepção dos pré-escolares, inclusive sobre a alimentação.

1 INTRODUÇÃO

A alimentação é um aspecto fundamental para a promoção da saúde, principalmente quando se trata de crianças. Na idade pré-escolar (2 a 5 anos), por exemplo, além do desenvolvimento psico-motor, funcional e emocional, inicia-se também o contato consciente da criança com os alimentos. Ela começa a conhecer as cores, texturas e sabores da comida, sendo este um período decisivo para a formação e estabelecimento dos hábitos alimentares.

Tais hábitos se refletem nas preferências e aversões das crianças ao sofrerem influência principalmente da família, amigos, ambiente escolar e da mídia, podendo esse ser um aspecto positivo ou negativo. A recusa alimentar, preferências, aversões e ingestão alimentar por parte das crianças estarão diretamente ligadas a esses fatores. Assim, educar para estabelecer precocemente uma alimentação saudável se mostra uma ação salutar diante da complexidade das consequências oriundas de uma má alimentação, fato crescente constatado no mundo contemporâneo, em todas as faixas etárias.

Além da família, o ambiente escolar é um espaço privilegiado para a prática de atividades educativas voltadas a nutrição. Portanto, intervenções nutricionais e programas eficazes de educação nutricional através da introdução de conhecimentos sobre alimentação saudável, diminuindo crenças e hábitos alimentares errôneos, são úteis para diminuir os problemas de saúde que acometem a população contemporânea.

A escola é propícia à aplicação de programas de educação em saúde em larga escala, incluindo programas de educação nutricional. Estes devem consistir em processos ativos, lúdicos e interativos, que favoreçam mudanças de atitudes e das práticas alimentares (SHMITZ et. al., 2008, p. 312).

Por meio de brincadeiras, jogos, desenhos e outras oficinas as crianças além de se divertirem, aprendem e se desenvolvem. A escassez de metodologia de pesquisa com crianças faz com que o desenho em conjunto a oralidade se constituam em métodos lúdicos e interativos para análise da percepção dos pré-escolares, inclusive sobre a alimentação.

Conhecer o que a criança pensa, sabe, acredita e deseja é o primeiro passo para o desenvolvimento de atividades educativas em nutrição. Estas favorecem a construção de hábitos saudáveis e estilo de vida cada vez melhor, tanto na infância como na vida adulta.

Dessa forma, buscou-se nesse trabalho compreender mais sobre a percepção dos pré-escolares de uma creche pública de Natal/RN em relação à alimentação, a fim de aprofundar o conhecimento científico sobre a visão de mundo da criança. Tal desejo pode vir a nortear num futuro próximo a construção de atividades de educação nutricional voltadas para esse público.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer a percepção de pré-escolares de uma creche municipal de Natal-RN sobre o tema alimentação, utilizando o desenho e a oralidade como instrumentos de análise.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar a percepção das crianças sobre alimentação por meio dos desenhos e da oralidade;
- Buscar uma maior compreensão sobre o universo infantil a fim de contribuir para o desenvolvimento de trabalhos de educação nutricional voltados a pré-escolares.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 A FASE PRÉ-ESCOLAR E O SEU COMPORTAMENTO ALIMENTAR

O período pré-escolar compreende as crianças de 2 a 5 anos de idade, constituindo uma faixa populacional de grande importância, devido ao rápido crescimento corporal, que impõe grandes necessidades nutricionais, e ao desenvolvimento psico-motor. À medida que a criança se desenvolve, modificam-se também seu organismo, suas proporções físicas, suas capacidades mentais, seus interesses, seu comportamento motor, emocional, social e etc. (NASSER, 2006).

As crianças nesta fase interagem com os objetos e as pessoas através dos sentidos, iniciando também a ligação com os alimentos, sendo este período decisivo para a formação dos hábitos alimentares. A criança começa a aprender a usar corretamente os talheres e outros utensílios para se alimentar, sendo muito comum encontrarmos mais alimentos ao redor dela do que em seu prato. Outro fator a ser considerado é a textura e o grau de dureza dos alimentos consumidos, havendo a necessidade de respeitar as limitações de cada faixa etária. A alimentação da criança passa a ser semelhante a dos demais membros da família, essa fase também é conhecida como "formadora de opinião", pois a criança transmite aos pais e outros familiares seus novos conhecimentos solicitando sempre uma atitude por parte destes (GAGLIANONE, 2004).

Ansolini (2008, p.20) afirma que "a formação dos hábitos alimentares tem início a partir do momento em que as práticas de alimentação familiares começam a ser percebidas pela criança".

As escolhas alimentares dependem da história, cultura e ambiente, bem como das necessidades orgânicas de energia e nutrientes. Família, amigos e crenças são os principais determinantes das escolhas alimentares pessoais. Os hábitos alimentares adquiridos na infância tendem a se solidificar na vida adulta e por isso é importante estimular a formação de hábitos saudáveis o mais precocemente possível (GAGLIANONE, 2004, p.62).

Os hábitos alimentares são moldados pela influência dos momentos fisiológicos, pela disponibilidade de alimentos no lar e pelo nível socioeconômico e cultural dos familiares. Além de fatores como apetite, ingestão alimentar, recusa e preferência alimentar da criança (ANSOLINI, 2008).

A recusa alimentar, bem como o apetite irregular na infância são características dessa fase que causam preocupações para os familiares. Na ânsia de minimizar ou eliminar tais problemas os pais muitas vezes agem de forma incorreta, utilizando elogios, promessas ou castigos para a criança, oferecendo-lhe guloseimas ou obrigando-a a consumir alimentos que a mesma rejeita. Tal fato pode vir contribuir de forma negativa na formação de hábitos alimentares saudáveis (GAGLIANONE, 2004).

O papel da família é de orientar e estimular as crianças na construção de hábitos saudáveis, devendo servir como modelo. É preciso que os pais adotem o comportamento alimentar que esperam que seus filhos tenham, começando da aquisição dos alimentos.

Birch; Fisher (*apud* GAGLIANONE, 2004) atribuem ao "balanço de poder", que ocorre no início da vida entre pais e filhos para controle da ingestão alimentar, como sendo papel significativo no estabelecimento de um contato saudável com este mecanismo e, além disso, ainda afirmam que "em crianças as preferências alimentares são o maior determinante da ingestão alimentar" onde as crianças aprendem através da repetição de experiências com alimentos onde a associação do consumo com as conseqüências orgânicas são importantes.

Além do ambiente familiar, a escola pode ser um dos principais locais para a realização de atividades promotoras da saúde. Em creches, por exemplo, há crianças que passam a maior parte do dia, onde realizam suas refeições e convivem com muitos coleguinhas. Além de ser um espaço onde há interação entre família e comunidade, a creche se constitui um local possível de influenciar positivamente ou negativamente na formação dos hábitos alimentares de uma criança.

Como exemplo negativo pode-se mencionar a descrição que o Ministério da Saúde faz com relação aos lanches em escolas, onde a criança se sente pressionada a comer o mesmo lanche que seus colegas, já que o momento é um evento social e o prazer de lanchar é associado à competição e comparação. Assim, uma criança não aceitará levar frutas para a escola, se todos os seus colegas levam salgadinhos e refrigerantes (BRASIL, 2001).

No caso das creches o lanche pode se tornar um momento positivo, visto que a maior parte das refeições é oferecida no local, onde está disponível um cardápio único para as crianças. Neste sentido o que é estimulado no ensino em

sala de aula, e na hora das refeições, torna-se fundamental para a valorização de hábitos saudáveis.

À medida que a criança aperfeiçoa sua visão de socialização, aumenta também seu aprendizado e, com isso, incorpora o que lhe é exposto. Assim, na civilização contemporânea a publicidade exerce grande influência, muitas vezes de forma apelativa, principalmente para as crianças. Schuler (*apud* ANSOLINI, 2008, p.21) em seu estudo afirma que "as crianças têm um inegável prazer em assistir comerciais de televisão. Quanto mais jovem a criança, menos ela cansa com a repetição desses comerciais e mais acredita no que está vendo, tendendo a cumprir o que o anúncio lhe sugere". Isso contribui de forma negativa no consumo e hábito alimentar da criança, visto que alimentos industrializados além de possuírem alto teor de sal, açúcares e gorduras muitas vezes são pobres em fibras, vitaminas e minerais. Entretanto, tanto pelas características organolépticas (cor, textura, sabor, cheiro) quanto pelo apelo caracterizado, por exemplo, pelo acompanhamento de personagens de desenhos fazem com que as crianças se fascinem e desejem tais produtos.

Um estudo realizado em São Paulo, em 2002, revela que 27,5% dos comerciais no horário infantil abordavam gêneros comestíveis industrializados, na seguinte ordem de distribuição do conteúdo: gorduras, óleos, açúcares e doces: 57,8%; pães, cereais arroz e massas: 21,2%; leite, queijos e iogurtes: 11,7%; carnes, ovos 9,3%. O grupo de frutas e vegetais não foi abordado (ALMEIDA; NASCIMENTO; QUAIOTI, 2002).

Essa excessiva exposição a gêneros alimentícios com grande quantidade de energia não acompanhada de nutrientes, naturalmente compromete o estado nutricional em médio prazo. Essa preocupação foi apontada pelo Ministério da Saúde em seu Guia Alimentar para a População Brasileira (2005), ao comparar os dados do ENDEF (1975) com as POFs (1988; 1996 e 2003) para definir os principais riscos nutricionais a que estão sujeitos os brasileiros atualmente (DOMENE, 2007).

Por isso a importância de se trabalhar conceitos de alimentação saudável com a criança precocemente, utilizando ações promotoras e preventivas de saúde, fazendo das oportunidades momentos positivos, seja em casa, na escola, ou através da publicidade, visto que seus hábitos serão consolidados na vida adulta.

3.2 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR EM BUSCA DA SAN

A alimentação e nutrição referem-se tanto às práticas alimentares, quanto a forma que o organismo processa e utiliza os alimentos e sua relação com a saúde. As práticas estão relacionadas à nossa rotina alimentar, ou seja, como preparamos nossos alimentos, horários de refeições, o que consideramos comestível ou não, nossas companhias, quantidade e tipo de alimentos consumidos etc. As transformações dos alimentos pelo nosso organismo estão relacionadas com nosso estado nutricional, o cuidado com a saúde e ao acesso aos serviços de saúde (CONSEA, 2004).

A promoção das práticas alimentares saudáveis pode ser vista em diversas ações políticas e estratégias relacionadas à alimentação e nutrição, relacionando o conceito de segurança alimentar à promoção da saúde.

O papel da promoção da saúde cresce como uma estratégia fundamental para o enfrentamento dos problemas do processo saúde-doença-cuidado e sua determinação. No Brasil, inúmeros são os desafios para que a população alcance um nível ótimo de nutrição. A complexidade dos problemas alimentares, advindos da transição nutricional em curso no país, tem imposto reformulações urgentes, a fim de responder as novas demandas alimentares (SANTOS, 2005; FERREIRA; MAGALHÃES, 2007).

Para Ansolini (2008) a transição nutricional está em curso no país há pelo menos três décadas, num fenômeno multifacetado e relacionado a duas outras formas de transição (demográfica e epidemiológica), onde além da composição da dieta, as mudanças em padrões nutricionais derivam de mudanças econômicas, sociais, ambientais e demográficas. No Brasil e em outros países, observa-se um conjunto semelhante de mudanças no padrão alimentar cujo aspecto mais visível é a adoção da chamada dieta ocidental, rica em gorduras, açúcar, alimentos refinados e industrializados, associada ao aumento do sedentarismo.

Analisando o perfil nutricional da população brasileira verifica-se um declínio na desnutrição infantil em 72% (relação altura/idade) e ao mesmo tempo verifica-se aumento da prevalência de sobrepeso e obesidade nas Regiões Sudeste e Nordeste (BATISTA FILHO; RISSIN, 2003; ANSOLINI, 2008). Reforçando esses números Escrivão (2008, p. 82) relata que "a criança e o adolescente obesos já

apresentam maior risco para o desenvolvimento de doenças relacionadas ao excesso de peso, além dos prejuízos psicossociais provocados pelo estigma da obesidade”.

As graves consequências orgânicas e psicossociais, bem como as doenças relacionadas à obesidade, tornam-se grandes problemas de saúde pública, que devem ser prevenidos e controlados em idades bem precoces, enfatizando a necessidade de intervenções educativas especificamente voltadas à nutrição.

A educação nutricional pode ser definida como “uma variedade de experiências planejadas para facilitar a adoção voluntária de hábitos alimentares ou de qualquer comportamento relacionado à alimentação que conduza à saúde e ao bem-estar” (CORDEIRO, 2006, p.123). Segundo Rodrigues; Boog (2006) a educação nutricional pode promover o desenvolvimento da capacidade de compreender práticas e comportamentos, e os conhecimentos ou as aptidões resultantes desse processo contribuem para a integração da criança e do adolescente com o meio social.

Santos (2005) afirma que a centralidade das práticas educativas está na transmissão de mensagens consistentes, coerentes e claras, utilizando ao máximo os recursos tecnológicos de comunicação, garantindo o direito ao acesso a informação. O autor ainda ressalta a importância da inclusão dos temas de segurança alimentar nos projetos pedagógicos escolares, em todos os níveis, podendo contribuir para a instrumentalização dos indivíduos, permitindo o acesso a informação.

A educação alimentar deve garantir o nutricional em sua nomenclatura e englobar os preceitos: de promover a autonomia, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, de respeitar as culturas alimentares, de revitalizar e valorizar a história alimentar regional, de valorizar e reconhecer os saberes populares, a biodiversidade local, o uso de uma linguagem adequada à compreensão popular, e, inclusive, o saber ouvir (CONSEA, 2007, p.13).

Segundo o Consea (2007, p. 10) a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) é definida como:

Realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o

promovido pela escola, acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis.

Para a garantia da SAN a toda população é necessário a integração entre os setores de produção, distribuição e acesso aos alimentos a fim de assegurar o direito igual para todos, além de políticas públicas voltadas para sua concretização. Pois, o conceito de SAN está diretamente ligado ao Direito Humano à Alimentação: "o direito à alimentação é parte dos direitos fundamentais da humanidade, que foram definidos por um pacto mundial, do qual o Brasil é signatário" (CONSEA, 2004, p. 4). Assim o direito à alimentação adequada tornou-se um direito humano básico e universal, onde Estado tem seus deveres e a sociedade suas responsabilidades.

A Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN) foi aprovada em 1999 para atestar o compromisso do Ministério da Saúde contra os males relacionados à escassez alimentar e à pobreza, sobretudo a desnutrição infantil e materna, bem assim com o complexo quadro de prevalência de sobrepeso e obesidade, na população adulta (CONSEA, 2004). Assim percebe-se que o campo de SAN no país é expresso pelas características mais gerais de nossa sociedade, assim é fundamental que seus objetivos sejam norteadores de ações que envolvam todos os setores: produção, comercialização, abastecimento, bem como saúde e educação.

A portaria interministerial nº 1010 de 8 de maio de 2006 institui as diretrizes para a Promoção da Alimentação Saudável nas escolas de educação infantil, fundamental e nível médio das redes públicas e privadas, em âmbito nacional, ao considerar "que a alimentação não se reduz à questão puramente nutricional, mas é um ato social, inserido em um contexto cultural" e "que a alimentação no ambiente escolar pode e deve ter função pedagógica, devendo estar inserida no contexto curricular" (BRASIL, 2006, p.1).

A alimentação escolar é um direito previsto pela Constituição Federal, conquistada pelos alunos brasileiros da Educação Infantil e Fundamental, devendo esta suprir 15% das necessidades calóricas das crianças (WEIS; CHAIM; BELIK, 2005). Também é um instrumento fundamental para a renovação e formação de hábitos alimentares saudáveis, sobretudo para a segurança alimentar da criança,

promovido pela escola através de atividades educativas, cardápios balanceados, degustações, aulas de culinárias, desenhos etc.

O estudo de Santos; Szilagyi (2006), Será que as frutas nascem do supermercado?, realizado numa instituição pública federal em Natal/RN com pré-escolares através de aulas expositivas, visitas ao supermercado, quitandas com degustações, atividades de pintura, colagem e desenho sobre as frutas, mostrou o quanto as crianças aprenderam e ressignificaram os seus conhecimentos por meio da descoberta de que "as frutas não nascem do supermercado". Além disso, houve uma evolução no desenho, na escrita e no próprio lanche das crianças, nos quais as frutas ganharam maior destaque.

Outros estudos realizados na mesma instituição também demonstraram a importância do processo educativo voltado para a alimentação e nutrição com o público infantil, como o de Vieira (2007) no qual se avaliou o perfil antropométrico das crianças assistidas e o de Oliveira (2007), Perfil qualitativo do lanche consumido numa escola de educação infantil de Natal/RN, onde foi traçado o perfil qualitativo do lanche consumido pelas crianças da educação infantil. No primeiro verificou-se a ausência de déficits nutricionais e prevalência de sobrepeso de 10 e 10,8% considerando-se os indicadores P/I e P/A, respectivamente, sendo mais evidente nas crianças com faixa etária de dois a quatro anos. Já o segundo estudo apontou que os tipos de alimentos mais encontrados nos lanches foram os industrializados, destacando-se a presença de: achocolatados, salgadinhos, bebidas lácteas, bolachas doces e salgadas, biscoitos recheados e outros tipos de guloseimas.

As duas pesquisas apontam para a necessidade de trabalhos educativos envolvendo a comunidade escolar, pais/responsáveis e as crianças em idade pré-escolar e escolar para a promoção de estilos de vida e hábitos alimentares mais saudáveis, contribuindo assim para a busca da segurança alimentar e nutricional.

3.3 DESENHO E ORALIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO E NA PESQUISA

Brincar e desenhar são atividades fundamentais da criança. Ela brinca e desenha na rua, em casa, na escola. Pela brincadeira e pelo desenho, ela fala, pensa, elabora sentidos para o mundo, para as coisas, para as relações (FONTANA; CRUZ, 1997. p.118).

Investigar crianças/infância, através dos seus próprios olhares, possibilitará ver a criança sob ângulos pouco explorados, podendo esta ser uma metodologia de pesquisa que facilitará a compreensão dos adultos e assim os permitirá escolher as melhores formas de realizar atividades em sala de aula.

O desenho infantil é um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento integral do indivíduo, é a partir dele que a criança organiza as informações, processa experiências vividas e pensadas, revela seu aprendizado e pode desenvolver um estilo de representação do mundo (GOLDBERG; YUNES; FREITAS, 2005).

Observando a escassez de metodologias próprias para trabalhar com crianças, sobretudo aquelas na faixa etária de 0 a 5 anos, a qual possibilitaria responder os questionamentos sobre a infância a partir dela mesma (registros no ato da fase e não relatos ou lembranças em fase adulta) foi que Gobbi (1997) propõe estudos com crianças a partir dos seus próprios olhares.

A autora¹ em sua pesquisa de mestrado, Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil (1997), utiliza o desenho seguido do que era dito sobre o que estava sendo produzido. Ela ainda afirma que "o desenho e a oralidade são compreendidos como reveladores de olhares e concepções dos pequenos e pequenas em seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos e desejados" (GOBBI, 2005, p.71).

Sodré; Reis; Guttin (2007, p.3) afirmam que "o primeiro passo para uma melhor compreensão sobre o desenvolvimento de crianças pequenas é não separar nos estudos o uso de instrumentos com o processo de aquisição da fala". Pois, a

¹ Mestre e doutoranda da Faculdade de Educação da UNICAMP (membro do Subgrupo de Educação Infantil do GEPEDISC), professora de educação infantil da Prefeitura Municipal de São Paulo e professora do curso de pedagogia (sociologia da educação e fundamentos da educação infantil) em faculdades da rede privada de São Paulo.

fala é tão importante quanto à atividade, e quanto mais complexa a atividade mais importante é a fala.

Essa importância pode ser observada quando se trata de desenhos infantis, principalmente de crianças na fase pré-escolar, onde os desenhos ainda não estão totalmente organizados e com formas bem definidas e assim ao desenhar e falar a criança explica e expressa o que tenta passar através de sua produção.

Luquet (1969) em seus estudos dividiu e explicou o desenvolvimento do desenho em quatro estágios (fases estas caracterizadas pelo realismo e sua expressão e representação do real). A primeira fase é a da garatuja (antes dos 3 anos) onde a criança atribui significados próprios ao rabisco fazendo uma analogia entre o traçado e o que pretende. A segunda fase (entre 3 e 4 anos) apresenta vários elementos sobrepostos, onde há busca da reprodução de formas, uma espécie de tentativa e erros, fracassos e sucessos, sem coordenação precisa. É a chamada fase do realismo fracassado ou gorado, "um chapéu muito acima da cabeça ou botões ao lado do corpo." (PIAGET; INHELDER, 1969, p.87 apud SILVA, 2004, p.35). A terceira fase (dos 4 aos 12 anos) é a considerada principal, e os desenhos apresentam atributos do modelo, mas sem ater-se ao real, "a criança desenha do objeto não aquilo que vê, mas o que sabe." (MÈREDIEU, 1979, p. 22 apud SILVA, 2004, p.35). A quarta fase é a do realismo visual ou representação realista, com rudimentos de perspectiva, proporções, um ponto de vista particular da criança. É nesta fase, que, para a criança, o desenho assemelha-se ao objeto, quando traduz o que ela sabe a respeito da construção das relações projetivas e euclidianas.

Para Piaget (1995 apud SILVA, 2004) à luz das fases de desenvolvimentos do desenho infantil apontadas por Luquet, aborda em seu estudo o desenvolvimento espontâneo do desenho infantil.

Além da idade da criança e da fase de desenvolvimento em que ela se encontra o ambiente em que a criança está inserida, tanto no momento da produção quanto seu contexto social influenciará diretamente na produção de seus desenhos. Müller (2006) também entende que é preciso considerar que as crianças, independente do grupo social a que pertencem, constroem suas culturas e suas identidades dentro da complexidade de fatores aos quais estão expostas. Por estes e outros fatores, ela ressalta a importância de trabalhos que procuram dar voz às crianças e justifica que para isso é necessário criar condições de interlocução com

as crianças. Ou seja, ao tratar-se do desenho e oralidade é preciso considerar também as diversas interpretações da própria criança/autora na construção do desenho. Para decifrar essas figurações é preciso um diálogo entre a criança/autora e o adulto/interprete como condição fundamental, pois muitas vezes os sentidos e seus significados são explicitados através das palavras.

Gobbi (2005) aponta para a importância da opção de utilizar as falas de seus produtores no momento da produção, considerando que o que é afirmado em um determinado momento pode sofrer alterações logo em seguida.

Perseguindo o objetivo de contribuir com a construção de metodologias de pesquisas que privilegiem os pequenos, afirmo que os desenhos infantis em conjugação à oralidade como formas privilegiadas de expressão da criança. Quando aproximadas, podem resultar em documentos históricos aos quais podemos recorrer ao necessitarmos saber mais e melhor a cerca de seu mundo vivido, imaginado, construído, numa atitude investigativa que procure contemplar a necessidade de conhecer parte da História e de suas histórias segundo seus próprios olhares (GOBBI, 2005. p. 73).

Neste sentido o desenho em conjunto com a oralidade pode ser um instrumento de trabalho com crianças facilitando o seu entendimento, além de contribuir para o desenvolvimento da criança e ainda possibilitando estudos em diversas áreas, podendo ser uma delas a área da alimentação e nutrição.

"entre os pequenos, o que é afirmado em um determinado momento pode sofrer alterações logo em seguida (...) aquilo que é dito enquanto se produz tem grande importância contribuindo para a educação do olhar do adulto tantas vezes desviado, insensível, distante dos pequenos e pequenas com os quais pesquisa e trabalha" (GOBBI, 2005, p. 71).

O estudo foi desenvolvido em três momentos:

1. Fase de familiarização do pesquisador com a comunidade dos sujeitos e habituação frente às condições humanas e físicas do campo.

2. A coleta utiliza em seu texto expressões como crianças pequenas e bem pequenas e, pequenas e pequenas ao referir-se a meninas e meninos de 0 a 5 anos.

4 METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, com uso da técnica de análise de conteúdo temático proposta por Bardin (1997), a qual consiste em um conjunto de técnicas de análise de comunicação que contém informação sobre o comportamento humano atestado por uma fonte documental. Bardin (1997, p. 42) afirma que a análise do conteúdo envolve:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não), que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas), destas mensagens.

As fontes documentais analisadas foram os desenhos de crianças pré-escolares da Creche Municipal Nossa Senhora da Esperança, situada no bairro da Cidade da Esperança no município do Natal-RN.

A pesquisa também foi guiada por Gobbi (2005), a qual associa ao desenho a oralidade. Segundo Gobbi (2005, p. 71) “o desenho e a oralidade são compreendidos como reveladores de olhares e concepções dos pequenos e pequenas² sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos, desejados”. As falas de seus produtores devem ser coletadas no momento em que são produzidos os desenhos, pois,

“entre os mesmos, o que é afirmado em um determinado momento pode sofrer alterações logo em seguida [...] aquilo que é dito enquanto se produz tem grande importância contribuindo para a educação do olhar do adulto tantas vezes desavisado, insensível, distante dos pequenos e pequenos com os quais pesquisa e trabalha” (GOBBI, 2005, p. 71).

O estudo foi desenvolvido em três momentos:

1. Fase de familiarização do pesquisador com a cosmovisão dos sujeitos e habituação frente às condições humanas e físicas do campo.

² A autora utiliza em seu texto expressões como crianças pequenas e bem pequenas e, pequenos e pequenas ao referir-se a meninos e meninas de 0 a 5 anos.

Foram realizadas visitas prévias à creche com o intuito de obter a confiança das crianças e o estabelecimento de vínculo com as mesmas a fim de facilitar a obtenção das informações na coleta de dados.

2. Coleta de dados.

Participaram da pesquisa 29 crianças, entre 2 e 5 anos de idade, as quais fazem parte da Creche Municipal Nossa Senhora da Esperança, localizada no bairro Cidade da Esperança, no município de Natal-RN.

Primeiramente as crianças receberam a orientação de que deveriam desenhar a cerca da alimentação. Foram dados exemplos tais como: como é a comida em casa ou na escola, como é o local em que comem, quais os alimentos mais gostam ou não, quais os alimentos saudáveis e os "ruins" para a saúde.

As crianças receberam folhas de ofício brancas e lápis de cor para fazerem seus desenhos. À medida que iam desenhando a pesquisadora utilizava um gravador portátil, com fitas cassetes de 90 minutos para registrar os possíveis questionamentos que eram direcionados a cada aluno durante a produção do seu desenho.

3. Análise dos dados.

A análise dos desenhos foi feita mediante a apresentação de suas características associadas aos relatos colhidos na gravação no ato de sua produção.

As gravações foram transcritas e, para tornar a leitura da pesquisa mais agradável foi feita uma limpeza nas citações que nela se fizeram presentes, uma vez que não se trata de um estudo lingüístico, mas de uma pesquisa interessada em desvendar o pensar dos sujeitos.

Foram adotados pseudônimos a fim de preservar a identidade dos sujeitos pesquisados.

O projeto foi submetido à análise pelo comitê de Ética da FARN através da Coordenação do Curso de Nutrição.

Participaram da pesquisa apenas as crianças cujos responsáveis tenham assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO I). Por meio deste,

foram esclarecidos previamente os objetivos de investigação, a forma de coleta de dados, a confidencialidade das informações, desconforto, liberdade de participar ou desistir da pesquisa a qualquer momento, como também sobre a publicação dos resultados da investigação, e a preservação da identidade das crianças.

Os resultados desta investigação serão publicados na forma de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), além da possibilidade de serem submetidos a revistas científicas e eventos. Porém, as informações sobre as crianças foram mantidas em sigilo e não serão identificadas como participante da pesquisa em qualquer publicação ou evento.

Os desenhos coletados e que serão comentados a seguir foram realizados nas condições citadas anteriormente. Após um lanche coletivo na creche, tendo como cardápio um mingau, as crianças receberam folha e lápis de cor e começaram a desenhar.

Para facilitar a compreensão e melhorar a visualização dos resultados, os desenhos foram divididos em categorias e subcategorias com relação ao número de vezes que uma determinada figura apareceu (Tabela 1). As categorias identificadas foram: 1) Presença da família 2) Amor e Feijão 3) Hortaliças/Frutas 4) Outros alimentos 5) Produtos industrializados e 6) Entredomésticos.

5 RESULTADOS

Tabela 1 – Categorização dos desenhos

A hora de desenhar em uma sala de aula reflete momento de alegria e euforia entre as crianças. Elas se agitam, conversam umas com as outras e a sala é tomada por uma gritaria sem fim. Mas o que elas já pensam em desenhar? Com que cores vão pintar? Que significados terão esses rabiscos? A imaginação toma conta de cada uma, porém através do imaginário elas refletem seus pensamentos, desejos e realidades. O contexto social e cultural no qual elas estão inseridas influencia diretamente em suas produções.

Os desenhos coletados e que serão comentados a seguir foram realizados nas condições citadas anteriormente. Após um lanche coletivo na creche, tendo como cardápio um mingau, as crianças receberam folha e lápis de cor e começaram a desenhar.

Para facilitar a compreensão e melhorar a visualização dos resultados, os desenhos foram divididos em categorias e subcategorias com relação ao número de vezes que uma determinada figura apareceu (**Tabela 1**). As categorias identificadas foram: **1) Presença da família 2) Arroz e Feijão 3) Hortaliças/Frutas 4) Outros alimentos 5) Produtos industrializados e 6) Eletrodomésticos.**

Ono	2
Peixe	2
Carne	3
Sopa	1
Papa	2
Produtos Industrializados*	5
Bolacha	1
Biscoito	2
Combom	1
Embutido	1
Eletrodomésticos	4
Fogão	2
Geladeira	2

* Alguns desenhos denominados apenas como Verduras, peixe, ovinos.

** Foram classificados como produtos industrializados aqueles ricos em gorduras saturadas, sal, açúcar ou conservantes.

Fonte: Dados da pesquisa (2008).

8 DISCUSSÕES

Tabela 1 – Categorização dos desenhos

Categorias/Subcategorias	Total (nº de vezes)
Presença da família	14
Mãe	8
Pai	2
Irmãos	3
Primos	1
Arroz e feijão	13
Hortaliças/Frutas	12
Maça	3
Banana	1
Laranja	2
Mamão	1
Cebola	2
Cenoura	2
Verduras*	1
Outros alimentos	12
Macarrão	2
Ovo	2
Peixe	2
Carne	3
Sopa	1
Papa	2
Produtos industrializados**	5
Sorvete	1
Biscoito	2
Bombom	1
Embutidos	1
Eletrodomésticos	4
Fogão	2
Geladeira	2

* Alguns desenhos denominados apenas como Verduras, pelas crianças.

** Foram classificados como produtos industrializados aqueles ricos em gorduras saturadas, sal, açúcar e/ou conservantes.

Fonte: Dados da pesquisa (2008).

6 DISCUSSÕES

6.1 A PRESENÇA DA FAMÍLIA:

O caráter social da alimentação está presente desde o nascimento. Através da amamentação há ligação do filho com a mãe. Por isso, desde o início da vida humana a alimentação associa-se ao afeto e proteção. A dimensão afetiva da alimentação, que engloba a relação com o outro, está presente nas refeições familiares, momentos de encontro, de conversação e de troca de informações, tornando-se formas de sociabilidade bastante ricas e prazerosas (ROMANELLI, 2006).

Em especial, a presença da mãe, apareceu oito vezes nos desenhos das crianças refletindo a forte influência que a figura materna tem no desenvolvimento e principalmente na alimentação da criança. O vínculo mãe-e-filho construído desde a gestação refletirá na relação posterior que a criança terá com os alimentos.

As mulheres ocupam uma posição fundamental na alimentação da família por vários motivos. Elas controlam, se não o orçamento doméstico, pelo menos as compras de alimentos, seu processamento, socializam os filhos para aceitá-los e distribuem a comida entre os componentes da família" (ROMANELLI, 2006, p. 336).

Gaglianone (2004, p.62) ainda afirma que "se por um lado a alimentação fornece o substrato necessário ao organismo para o crescimento e manutenção das funções fisiológicas, está também diretamente relacionada à inserção social do indivíduo, que se inicia na relação mãe-filho[...]". Lara, 4 anos, ao comentar seu desenho (**Figura 1**) conseguiu retratar tal relação: "É eu e minha mãe. Estou chegando em casa e vou comer ainda". Além disso, a menina as colocou em um cenário bem alegre, com a presença do sol e nuvens, podendo representar a sua chegada em casa ao final do dia depois da creche, ligando momentos da refeição com a família, nesse caso com a mãe, demonstrando o prazer de alimentar-se junto a ela.

Figura 1 – Desenho de Lara, 4 anos
Fonte: Dados da pesquisa (2008).



Figura 1 – Desenho de Lara, 4 anos.
Fonte: Dados da pesquisa (2008).

A responsabilidade da produção da alimentação em casa atribuída à mãe também foi encontrada nos desenhos de outras crianças, como afirma Clarissa, 5 anos, que ao ser questionada o porquê dela ter desenhado a mãe, a menina respondeu (gritando): “é ela (a mãe) quem faz comer”, (**Figura 2**). Já Felipe, 4 anos, ligou a mãe ao ambiente da cozinha, demonstrando o papel que a mulher, em nossa cultura e na sociedade, tem sobre o lar, isso pode ser visto quando o garoto fala “é minha mãe, o fogão e a comida em cima do fogão” (**Figura 3**).

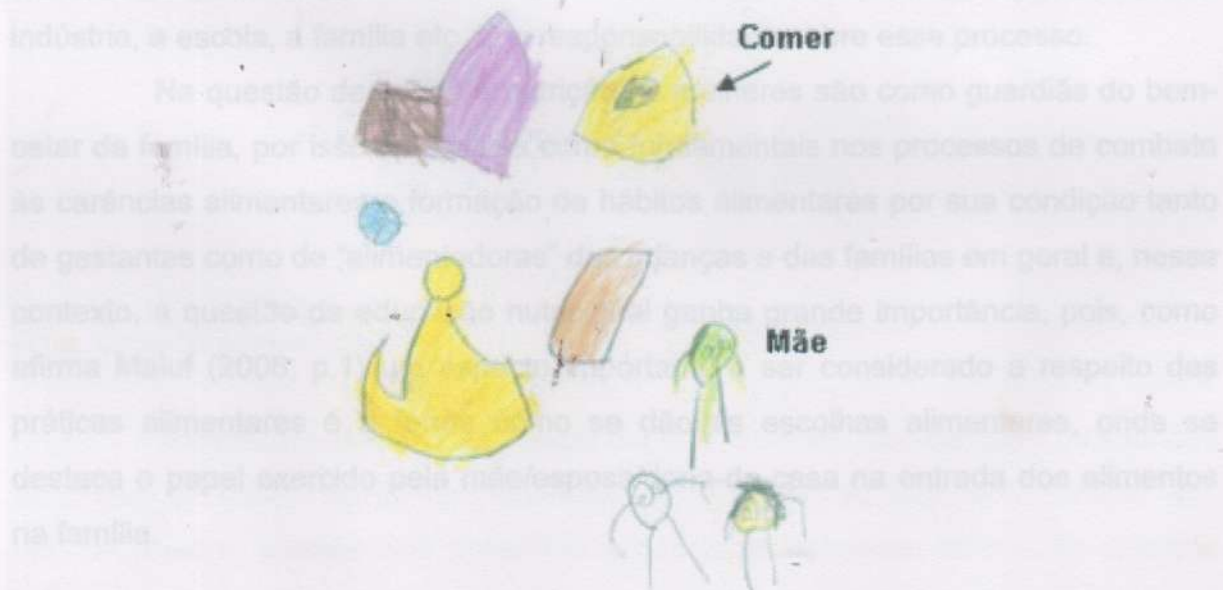


Figura 2 – Desenho de Clarissa, 5 anos.
Fonte: Dados da pesquisa (2008).

6.2 ARROZ E FEIJÃO

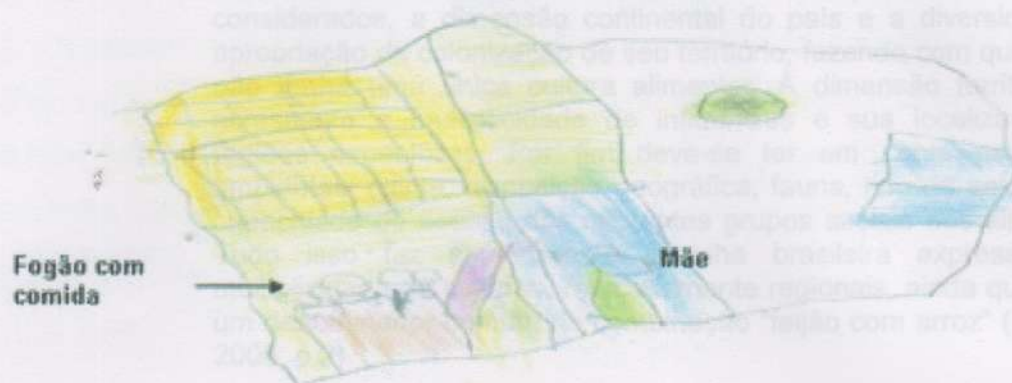


Figura 3 – Desenho de Felipe, 4 anos.

Fonte: Dados da pesquisa (2008).

Com relação a essa influência que a mulher tem na alimentação Lopes (2007, p.124) afirma que “A mãe sempre foi a pessoa mais importante para dizer o que comer, o que não comer e quando comer”. E apesar da mulher, nos últimos anos, está totalmente inserida no mercado de trabalho e ficar menos tempo no lar, sua figura ainda é muito presente quando se diz respeito à alimentação principalmente de crianças. Além disso, o autor entende que a responsabilidade da educação e da formação dos hábitos alimentares deve ser dividida, onde a mídia, a indústria, a escola, a família etc. têm responsabilidade sobre esse processo.

Na questão de saúde e nutrição as mulheres são como guardiãs do bem-estar da família, por isso, são vistas como fundamentais nos processos de combate às carências alimentares e formação de hábitos alimentares por sua condição tanto de gestantes como de “alimentadoras” das crianças e das famílias em geral e, nesse contexto, a questão da educação nutricional ganha grande importância, pois, como afirma Maluf (2006, p.1) um aspecto importante a ser considerado a respeito das práticas alimentares é a forma como se dão as escolhas alimentares, onde se destaca o papel exercido pela mãe/esposa/dona-de-casa na entrada dos alimentos na família.

6.2 ARROZ E FEIJÃO:

Para a cultura alimentar brasileira três aspectos devem ser considerados, a dimensão continental do país e a diversidade da apropriação da colonização de seu território, fazendo com que o país não tenha uma única cultura alimentar. À dimensão territorial se acrescenta a multiplicidade de influências e sua localização em regiões específicas. Por fim deve-se ter em conta os fatores ambientais (clima, disposição geográfica, fauna, tipo de solo etc.) e capacidade de acesso dos diferentes grupos sociais aos alimentos. Tudo isso faz com que a cozinha brasileira expresse uma multiplicidade de culturas, marcadamente regionais, ainda que tendo um denominador comum na combinação “feijão com arroz” (MALUF, 2006, p.2).

A dupla feijão com arroz pôde ser encontrada treze vezes nos desenhos das crianças, além disso, alguns desenhos denominados como “comida” ou “comer” também foram ligados a esse binômio. Isso pode ser observado na fala de Gean, 2 anos, quando diz “Desenhei um sol e uma comida. Comida é feijão e arroz” (**Figura 4**).

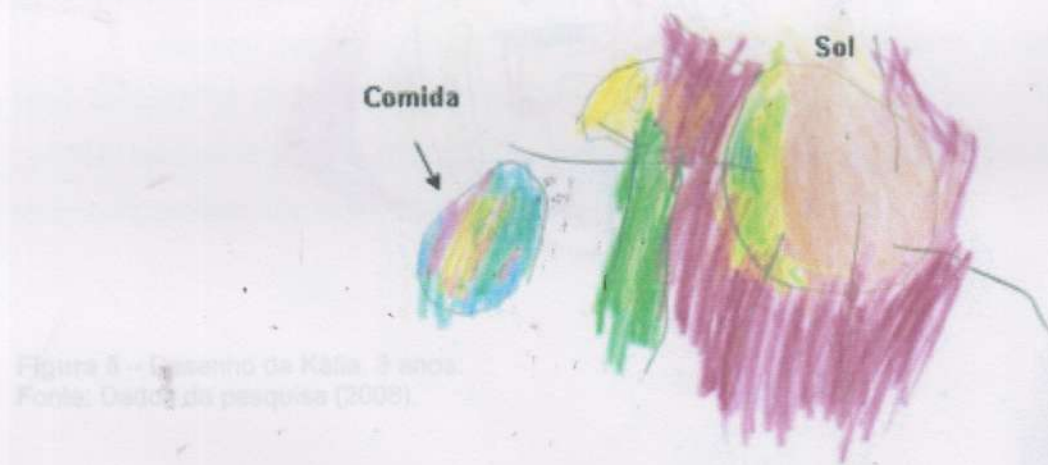


Figura 4 – Desenho de Gean, 2 anos.
Fonte: Dados da pesquisa (2008).

Marciel; Menashe (2007) explicam que o termo “comida” está relacionado ao o que se come, como, quando, onde, com quem, ou seja, com relação aos hábitos. Porém, através dos desenhos e das falas constatou-se que as crianças relacionam “comida” com elementos básicos de sua cultura alimentar.

É salutar a presença do feijão e arroz nos desenhos, visto que a evolução dos padrões de consumo alimentar, principalmente nas últimas três décadas,

sinaliza declínio no consumo desses alimentos básicos e tradicionais da dieta do brasileiro. Em contraposição, produtos industrializados tiveram crescimento de até 400%, em alguns casos (ROSANELI, 2007).

A presença do arroz e feijão ainda pode ser vista no desenho de Kátia, 3 anos (**Figura 5**), onde parece mais uma mistura de rabiscos, porém quando a menina fala, ganha um significado: “Desenhei o feijão aqui”, quando foi perguntado o que mais tinha desenhado ela respondeu: “Arroz”.



Figura 5 – Desenho de Kátia, 3 anos.
Fonte: Dados da pesquisa (2008).

Corroborando com os estudos que apontam a diminuição do consumo do arroz e feijão, bem como dos alimentos regionais e conseqüentemente o crescimento do consumo de alimentos industrializados, os desenhos em estudo mostram a necessidade de dar ênfase às práticas alimentares que resgatem a cultura alimentar brasileira de forma precoce, visto que as más conseqüências desse perfil alimentar e da transição nutricional atingem tanto a fase infantil quanto a fase adulta. Fator bastante negativo, semelhante aos resultados de Vieira (2007) nos quais as crianças na faixa etária de dois a quatro anos foram as que mais apresentaram sobrepeso/obesidade, ressaltando-se mais uma vez a necessidade da

aquisição e formação de hábitos alimentares saudáveis por meio de práticas alimentares saudáveis envolvendo a família e a comunidade escolar.

Dessa forma colabora-se com o que preconiza a PNAN (2003) no que diz respeito à promoção de práticas alimentares e estilo de vida saudáveis:

Merecerá, igualmente, enfoque prioritário o resgate de hábitos e práticas alimentares regionais inerentes ao consumo de alimentos locais de baixo custo e elevado valor nutritivo, bem como de padrões alimentares mais variados, desde os primeiros anos de vida até a idade adulta e a velhice (BRASIL, 2003, p. 22).

6.3 HORTALIÇAS/FRUTAS:

A presença de hortaliças e frutas foi vista nos desenhos das crianças de forma, surpreendentemente, significativa. Esta categoria apareceu doze vezes, tornando-se um ponto positivo a ser enfatizado em atividades, pois esses alimentos são fontes de vitaminas, minerais e fibras e são vistos nos estudos como poucos presentes na alimentação da população brasileira.

No seu desenho, Joice, 3 anos (**Figura 6**) afirma ter feito “a cebola verde e uma banana” já Camila, 5 anos, diz “aqui é a cenoura e cebola. Na minha casa tem cebola, laranja e maçã” (**Figura 7**). Nesse caso as meninas apenas explicaram o desenho, porém não afirmaram que consumiam tais alimentos.

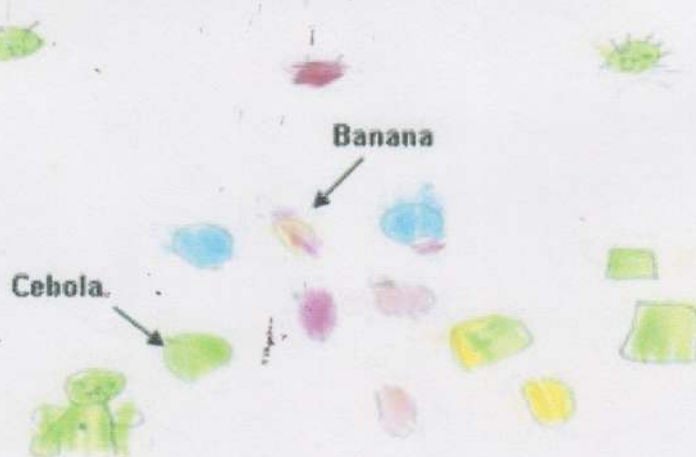


Figura 6 – Desenho de Joice, 3 anos.
Fonte: Dados da pesquisa (2008).

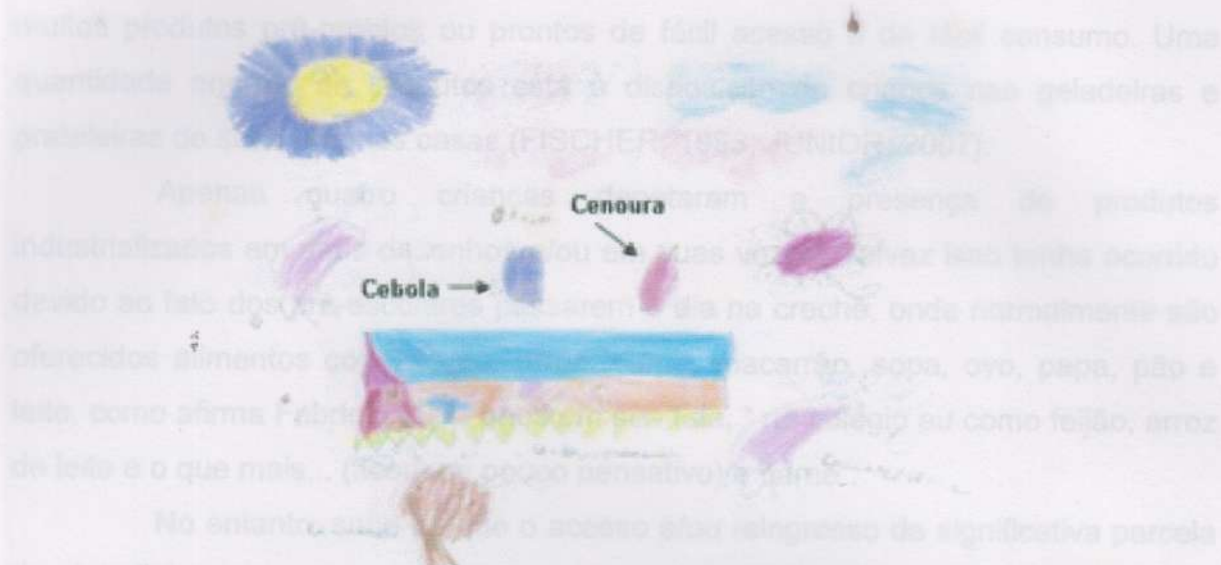


Figura 7 – Desenho de Camila, 5 anos.
 Fonte: Dados da pesquisa (2008).

Os moradores de Natal estão consumindo menos frutas e hortaliças (verduras e legumes) e comendo mais alimentos ricos em gordura, sal e açúcar. Os dados constam de pesquisa do Ministério da Saúde (MS) sobre a alimentação dos moradores de todas as capitais brasileiras e do Distrito Federal. De acordo com o levantamento, apenas 12,5% ingerem a quantia mínima diária recomendada de frutas e hortaliças, que é de 400 gramas ou cinco porções desses alimentos, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (TRIBUNA DO NORTE, 2008).

Se os adultos possuem hábitos errôneos com relação a sua alimentação e estilo de vida, como será que nossas crianças se comportam? Com certeza, elas também não terão o hábito de ingerir frutas, legumes e verduras se a família não ingerir e se na escola não é oferecido, ou seja, se não tem o acesso. Mesmo assim, o consumo de frutas e hortaliças deve ser encorajado entre as crianças da pré-escola, devido ao seu conteúdo nutricional e por possuírem propriedades que chamam a atenção delas, como a textura, cores, formas e sabores.

6.4 PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS E OUTROS ALIMENTOS:

A urbanização, industrialização, entrada da mulher no mercado de trabalho, elevação do nível de vida e de educação, acesso mais amplo da população ao lazer, férias e viagens modificaram profundamente os modos de vida. Ocorreu ainda a diminuição no tempo para preparação de refeições, foram desenvolvidos

muitos produtos pré-prontos ou prontos de fácil acesso e de fácil consumo. Uma quantidade enorme de produtos está à disposição da criança nas geladeiras e prateleiras de suas próprias casas (FISCHER, 1998; JÚNIOR, 2007).

Apenas quatro crianças denotaram a presença de produtos industrializados em seus desenhos e/ou em suas vozes. Talvez isso tenha ocorrido devido ao fato dos pré-escolares passarem o dia na creche, onde normalmente são oferecidos alimentos como feijão, arroz, carne, macarrão, sopa, ovo, papa, pão e leite, como afirma Fabrício, de 4 anos em sua fala, “no colégio eu como feijão, arroz de leite e o que mais... (ficou um pouco pensativo) e carne”.

No entanto, sabe-se que o acesso e/ou reingresso de significativa parcela de brasileiros no mercado de consumo influenciou fortemente os padrões alimentares em todos os níveis sociais e possibilitou a inclusão de produtos até então considerados nobres ao cardápio diário (ANSOLINI, 2008).

Produtos deste tipo foram encontrados em alguns desenhos, como no de Marcos, 4 anos (**Figura 8**), ele explica que é um “sorvete vermelho” e no de Alex, 4 anos (**Figura 9**), quando diz que desenhou “um peixe, uma papa, uma caixa de bombom e sopa”.



Figura 8 – Desenho de Marcos, 4 anos.
Fonte: Dados da pesquisa (2008).



Figura 9 – Desenho de Alex, 4 anos.
Fonte: Dados da pesquisa (2008).

Apesar da baixa frequência nos desenhos das crianças em estudo, sabe-se que os produtos industrializados participam significativamente da rotina alimentar principalmente da dieta infantil. Esses alimentos ricos em gorduras e carboidratos refinados apresentam elevados valores energéticos e, além disso, o aumento do seu consumo pode reduzir o consumo dos alimentos “in natura” e regionais. Isso foi muito bem representado no desenho (**Figura 10**) de Fabrício, 4 anos, onde o menino desenhou uma fruta e citou também um produto industrializado, assim ele explicou “Essa aqui é a maçã e eu gosto de comer. Gosto de comer abacaxi, só que na minha casa não tem não”, então quando se perguntou o que havia, ele respondeu “tem biscoito”.



Figura 10 – Desenho de Fabrício, 4 anos.
Fonte: Dados da pesquisa (2008).

A praticidade desses alimentos e o poder influenciador que eles têm sobre as crianças são tão significativos que se tornou muito comum até mesmo na população de baixa renda. Machado (*apud* AQUINO; PHILLIPPI, 2002, p. 656) constatou que “o preço real dos alimentos industrializados declinou, favorecendo principalmente a maior participação dos estratos sociais de menor renda”.

Alimentos como macarrão, ovo, peixe, carne, sopa e papa apareceram com grande frequência. Esses alimentos, tanto são oferecidos pela creche no período em que as crianças estão lá, como também são consumidos em casa. Tal evidência pôde ser constatada no desenho de Milena, 5 anos, (**Figura 11**), no qual a garota simplesmente desenhou “uma carne”. Já Jorge, 4 anos, (**Figura 12**) quando questionado sobre o que tinha desenhado ele respondeu “eu comendo feijão com peixe”.

Barbosa (2007) aponta em seu estudo a contrariedade que há na Região Nordeste com relação ao consumo de peixe, pois apesar do imenso litoral, no país como um todo, o seu consumo é relativamente baixo. Outro aspecto a ser considerado é que as escolas dificilmente oferecem esse tipo de alimento às crianças, principalmente aos pré-escolares, devido ao cuidado que ele exige ao ser consumido.

encontrado nos desenhos e fotos, houve importante ressaltar que alimentação da criança tanto em casa como na escola, deve ser composta preferencialmente por alimentos “in natura”. Além disso, deve ser considerado não apenas o valor

nutricional, mas também cultural e social, fazendo da alimentação um momento de aprendizagem e interação.

6.5 ELETRODOMÉSTICO

A presença do fogão e da geladeira são elementos importantes para retratar o ambiente da cozinha. A geladeira, por exemplo, deve ser abordada como um elemento de conservação de alimentos.

A cozinha é um espaço de interação e de troca que participa da vida cotidiana. O produto natural é transformado em alimento.



Figura 11 – Desenho de Milena, 5 anos.
Fonte: Dados da pesquisa (2008).

evidenciaram, isso também pode ser visto no desenho de Jorge, 4 anos (Figura 12) no qual ele verbaliza que desenha um fogão na cozinha.



Figura 12 – Desenho de Jorge, 4 anos.
Fonte: Dados da pesquisa (2008).

Diante dos dados de estudos acerca da alimentação infantil e do que foi encontrado nos desenhos e falas, faz-se importante ressaltar que alimentação da criança tanto em casa como na escola, deve ser composta preferencialmente por alimentos “in natura”. Além disso, deve ser considerado não apenas o valor

nutricional, mas também cultural e social, fazendo da alimentação um momento de aprendizado e prazer.

6.5 ELETRODOMÉSTICOS:

Algo interessante destacado no desenho de quatro crianças foi a presença do fogão e da geladeira. Apesar de muito pequenas elas foram capazes de retratar o ambiente da cozinha, local de produção de refeições. Esse tema pode e deve ser abordado entre pré-escolares ressaltando a importância da produção e conservação de alimentos, bem como resgatar a produção de refeições em casa.

A cozinha é um conjunto de técnicas, operações simbólicas e de rituais que participam da construção da identidade alimentar de um produto natural e o transforma em consumível Lévi-Strauss (*apud* POULIN; PROENÇA, 2003, p. 252). Na **Figura 13**, José, 5 anos, ao afirmar “na minha casa está a comida aqui, a geladeira e o fogão” expressa exatamente esse espaço culinário que os autores evidenciam, isso também pode ser visto no desenho de Vitor, 5 anos (**Figura 14**) no qual ele verbaliza que desenhou um “ovo no fogão”.

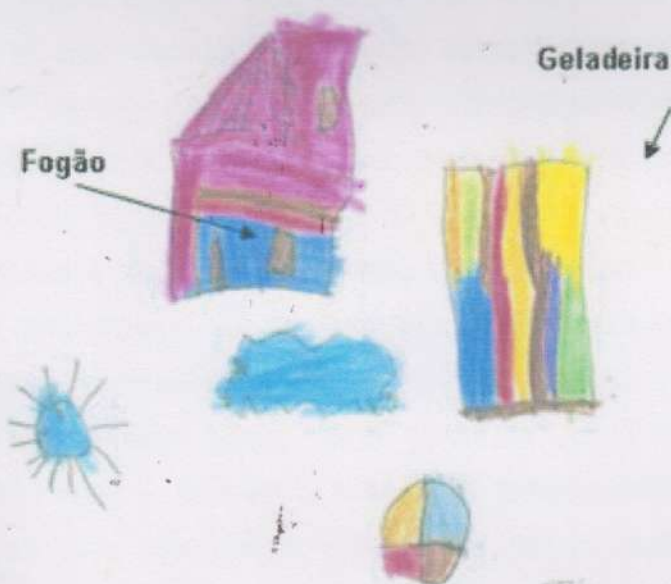


Figura 13 – Desenho de José, 5 anos.
Fonte: Dados da pesquisa (2008).

7 CONCLUSÃO

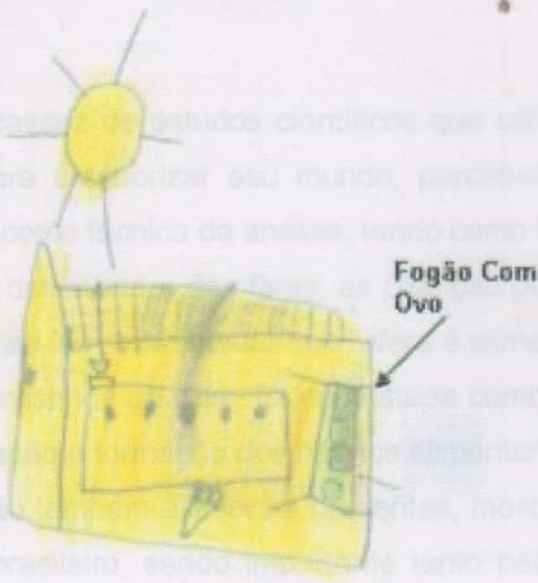


Figura 14 – Desenho de Vitor, 5 anos.
Fonte: Dados da pesquisa (2008).

Diante disso, podem ser desenvolvidas atividades educativas como recorte e colagem, jogos e até mesmo o preparo dos próprios alimentos, ensinando às crianças a importância e utilidade desses e de outros eletrodomésticos na cozinha.

7 CONCLUSÕES

Diante da escassez de estudos científicos que utilizam a própria criança em fase pré-escolar para exteriorizar seu mundo, percebeu-se a importância do desenho e da oralidade como técnica de análise, tendo como foco a alimentação.

Por meio dos desenhos e das falas, as crianças puderam se expressar e mostrar o que para elas se faz relevante no que refere à alimentação. A presença da família, em especial a presença da mãe, foi constatada como grande influenciadora no processo da alimentação e formação dos hábitos alimentares das crianças.

O arroz e feijão também estiveram presentes, mostrando que até hoje é o símbolo identitário do brasileiro, sendo importante tanto pelo seu valor nutricional como para o resgate da cultura alimentar do país.

Outros elementos também ganham ênfase para serem utilizados nas práticas de educação nutricional no âmbito escolar, como: as hortaliças e frutas, devendo ser incentivado o seu consumo desde a infância; os produtos industrializados, tendo em vista que o seu consumo aumenta cada vez mais, principalmente entre as crianças, além de estarem fortemente ligados a mídia; e os eletrodomésticos, que na maioria das vezes ficam esquecidos das atividades de educação nutricional com esse público, sendo estes fatores importantes para se trabalhar a produção, conservação e armazenamento dos alimentos com eles.

A educação nutricional deve passar a ser parte integrante das atividades pedagógicas na escola, tendo como respaldo a Portaria Interministerial MEC/MS 1010, onde não reduz a alimentação ao seu valor nutricional, e sim engloba os aspectos culturais, emocionais, sociais e pedagógicos, adaptando as atividades a cada fase em que se encontra a criança.

O nutricionista deve atuar como educador, auxiliando a comunidade escolar (pais, professores e alunos) a adquirirem hábitos alimentares saudáveis através de técnicas que possibilitem uma maior aproximação destes com os alimentos. Para isso é preciso conhecer o público ao qual está se trabalhando, conhecendo seus desejos, suas percepções e entendendo melhor seu olhar sobre as coisas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. S.; NASCIMENTO, P. C. B. D.; QUAIOTI, T. C. B. Quantidade e qualidade de produtos alimentícios anunciados na televisão brasileira. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 3, p. 353 - 355, 2002.

ANSOLINI, J.A. Propaganda, transição nutricional e segurança alimentar na sociedade brasileira. In: TADDEI, J. A. (coord.). **Jornadas Científicas do NISAN – Núcleo Interdepartamental de Segurança Alimentar e Nutricional 2004/2005**. Barueri: Minha Editora, 2008.

AQUINO, R; PHILLIPPI, S. T. Consumo infantil de alimentos industrializados e renda familiar na cidade de São Paulo, v.36, n. 6, p. 655 – 660, **Revista de Saúde Pública**, Local de publicação, v. 36, n. 6, p. 655 – 660, 2002.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BARBOSA, L. Feijão com arroz e arroz com feijão: O Brasil no prato dos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 87-116, jul./dez. 2007.

BATISTA FILHO, M.; RISSIN, A. A transição nutricional no Brasil: tendências regionais e temporais. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 181 – 191, 2003.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável**. Brasília: Secretaria de Atenção à Saúde/Coordenação-geral da Política de Alimentação e Nutrição, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política nacional de alimentação e nutrição**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação, Ministério da Saúde. **Portaria Interministerial nº 1.010. 8 de maio de 2006**. 2006. Disponível em: <http://www.crn3.org.br/legislacao/portaria_1010.html>. Acesso em: 04 ago. 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação Geral da Política de Alimentação e Nutrição. **Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

CONSEA. **Relatório Final (2ª versão) da II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – A construção da política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**. Olinda, 2004.

CONSEA. **Relatório Final: Alimentação Adequada e Saudável**. Brasília, 2007.

CORDEIRO, A.V.C. Planejamento de intervenções educativas em nutrição para pré-escolares, escolares e adolescentes. In: FAGIOLI, D. **Educação Nutricional na infância e na adolescência: planejamento, intervenção, avaliação e dinâmicas**. São Paulo: RCN Editora, 2006. p. 123.

DOMENE, S. M. A. Tendências de consumo de alimentos industrializados pela população brasileira. In: TADDEI, J. A. (coord.). **Jornadas Científicas do NISAN – Núcleo Interdepartamental de Segurança Alimentar e Nutricional 2004/2005**. Barueri: Minha Editora, 2007. p. 96.

ESCRIVÃO, M. A. M. S. Tendências da obesidade na infância e na adolescência e suas conseqüências para a saúde. In: TADDEI, J.A. **Jornadas Científicas do NISAN – Núcleo Interdepartamental de Segurança Alimentar e Nutricional 2006/2007**. Barueri: Minha Editora, 2008.

FERREIRA, V. A. ; MAGALHÃES, R. Nutrição e promoção da saúde: perspectivas atuais. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 7, p.1674 – 1681, jul. 2007.

FONTANA, R.; CRUZ, M.N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Editora Atual, 1997.

GAGLIANONE, C.P. Alimentação no segundo ano de vida, pré-escolar e escolar. In: LOPES, F. A. ; BRASIL, A. L. D. **Nutrição e Dietética em Clínica pediátrica**. São Paulo: Atheneu, 2004.

GOBBI, M. Desenho Infantil e oralidade: instrumento para pesquisas com crianças pequenas. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P.D. (Orgs.). **Por uma cultura da Infância**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GOBBI, M. **Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil**. 1997. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 1997.

GOLDBERG, L. G.; YUNES, M. A. M.; FREITAS, J. V. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 97 – 106. jan./abr. 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Estudo Nacional da despesa familiar – ENDEF**. Rio de Janeiro: 1977.

LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Barcelos (Portugal): Minho, 1969.

MALUF, R.S. Segurança Alimentar – Resgate e valorização da cultura alimentar. In: SEMINÁRIO CULTURA E ALIMENTAÇÃO, 1, 2006, Vila Mariana. **Anais...** Vila Mariana: SESCSP, 2006.

MARCIEL, M. E.; MANASHE, R. **Alimentação e cultura, identidade e cidadania. Você tem fome de quê?** Disponível em: <<http://www.ibase.br/modules.php?name=Conteudo&pid=920&print=1>>. Acesso em: 20 out. 2008.

MÜLLER, F. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 95, maio/ago. 2006.

NASSER, L.A. Importância da nutrição, da infância à adolescência. In: FAGIOLI, D. **Educação Nutricional na infância e na adolescência: planejamento, intervenção, avaliação e dinâmicas**. São Paulo: RCN Editora, 2006. p. 35.

OLIVEIRA, M. V. M. **Perfil qualitativo do lanche consumido numa escola de educação infantil de Natal. 2007**. Monografia (Curso de Graduação em Nutrição) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

PORTO, J. B.; TAMAYO, A. Influência dos valores laborais dos pais sobre os valores laborais dos filhos. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 19, n. 1, p. 151 – 158, 2006.

POULAIN, J. B.; PROENÇA, R. P. C. O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 245 – 256, jul./set. 2003.

RODRIGUES E.M., BOOG, M.C.F. Problematização como estratégia de educação nutricional com adolescentes obesos. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 923 – 931, maio. 2006.

ROMANELLI, G. O significado da alimentação na família: Uma visão antropológica. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 39, n. 3, p. 333 -339, jul./set. 2006.

ROSANELI, C. F. Participação da mistura Arroz e feijão na dieta usual de alunos de escola pública e privada de Maringá/PR. **Cienc Cuid Saúde**, Paraná, v. 6 (Suplem. 2), p. 384-389. 2007.

SANTOS, A. G. V. S. ; SZILAGYI, A. Será que as frutas nascem do supermercado? In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL E SÉRIES INICIAIS, 4, 2007, Ceará. **Anais...** Ceará: Futuro Congressos e Eventos, 2007, p.36.

SANTOS, L. A. S. Educação alimentar e nutricional no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 18, n. 5, p.681 – 692, set./out. 2005.

SHMITZ, B.A.S. et al. A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis: uma proposta metodológica de capacitação de educadores e donos de cantina escolar. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24 (Suplem. 2), p. 312 - 322, 2008.

SILVA, F. S. S. **O desenho das crianças de 6 a 8 anos: os aspectos cognitivos das primeiras noções topológicas e suas representações.** 2004. 99f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

SODRÉ, Liana Gonçalves Pontes; REIS, Isis Tibúrcio; GUTTIN, Jaqueline Mol Soares. Análise de elementos da natureza nos desenhos livres de crianças da educação infantil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6, 2007, Santa Catarina. **Anais Eletrônicos...** Santa Catarina: UNC, 2007. Disponível em: < http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/educacaoInfantil/ANALISE_ELEMENTOS_NATUREZA_DESENHOS_LIVRES_CRIANCAS_EDUCACAO_INFANTIL.pdf> Acesso em: 07 nov. 2008.

TRIBUNA DO NORTE. **Moradores de Natal lideram ranking de doenças crônicas.** Natal 06 abr. 2008. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/71836.html>>

VIEIRA, C. L. D. **A saúde pode ser medida e a medida pode ser saúde: perfil antropométrico de pré-escolares de uma instituição federal em Natal/RN.** 2007. 32 f. Monografia (Curso de Graduação em Nutrição) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

WEIS, B. ; CHAIM, N. A. ; BELIK, W. **Manual de gestão eficiente da merenda escolar**. 2. ed. São Paulo: Apoio Fome Zero, 2005.

_____. **Pesquisa de orçamentos familiares 2002-2003**: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

_____. **Pesquisa de orçamentos familiares 1978-1988**: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

_____. **Pesquisa de orçamentos familiares 1995-1996**: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 1997.

_____. **Manual para Escolas Peso Saudável**: a escola promovendo hábitos alimentares saudáveis. Brasília, MS, 2001. 13 p.

ANEXO

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
LIGA DE ENFERM DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE NATALENSE PARA O DESENVOLVIMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE NUTRIÇÃO

TÍTULO DO PROJETO: A alimentação sob o olhar dos crianças.

O objetivo de nosso estudo é analisar a percepção das crianças de uma creche municipal da Natal-RN em relação à alimentação, além de compreender-las melhor e buscar estratégias para se trabalhar a educação alimentar e nutricional nessa fase da vida. Para isso, serão realizadas atividades pedagógicas em sala de aula.

Em caso de dúvidas ou para obter mais informações sobre este estudo o Dr. (a) poderá entrar em contato com:

Enilda Costa de Araújo Assis - Pesquisadora responsável pela pesquisa (Fone: 3344-3215/3317)

Mila Patrícia Farias Pereira - Coordenadora do Curso de Nutrição (Fone: 3344-3215/3317)

Coordenador de Área em Pesquisa da FARN (Fone: 3344-3215/3317)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

CONVOCAMOS O ALUNO (A) _____ A participar da pesquisa sobre alimentação e nutrição na educação infantil. O(a) temo de desenvolver com a máxima eficiência de educação alimentar em sala de aula e observarmos o seu envolvimento em tais atividades. Os benefícios deste estudo servem para o conhecimento de uma boa alimentação e para evitar a desnutrição ou a obesidade. A participação de crianças e adolescentes será confidencial e os resultados desta investigação serão publicados no Relatório de Conclusão do Curso, revistas, jornais e outros. Ficarei as informações sobre o estudo serão mantidas em segredo e não serão identificadas como participantes da pesquisa em qualquer publicação ou artigo. A participação é voluntária e a assinação em qualquer momento da pesquisa não implica qualquer prejuízo ao participante. A criança pode sair da pesquisa em qualquer época que desejar, sem prejuízo que isso cause a qualquer dos pesquisadores envolvidos.

ANEXO

Consentimento livre e esclarecido

Li de acordo e fui informado(a) sobre as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Deixo que não tenho nenhuma dúvida sobre o conteúdo das informações acima. Declaro, também, que sou o(a) responsável(a) legal(mente) pelo(a) participante da pesquisa e estou plenamente ciente(a) e consciente(a) das implicações de todas as decisões tomadas. Confirmo também que deixo uma cópia deste termo de consentimento. Compreendo que sou livre para sair a qualquer momento em qualquer momento sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Assino o termo de consentimento livre e esclarecido, portanto, estou livre para participar como voluntário desta pesquisa.

Assino o termo (para de fazer): _____

Assinatura (responsável)

Assinatura (participante)

Compromisso do investigador

Eu deixo as seguintes ações com os participantes. É de minha responsabilidade que o responsável pelo(a) criança entenda os riscos, benefícios e obrigações deste projeto.

Vagner Cabral (Estudante de Nutrição FARN)

Assinatura do participante

Data: ____/____/____

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE NATALENSE PARA O DESENVOLVIMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE NUTRIÇÃO

TÍTULO DO PROJETO: A alimentação sob o olhar das crianças.

O objetivo de nosso estudo é analisar a percepção das crianças de uma creche municipal do Natal-RN em relação a alimentação, afim de compreendê-las melhor e buscar estratégias para se trabalhar a educação alimentar e nutricional nessa fase da vida. Para isso, serão realizadas atividades pedagógicas em sala de aula.

Em caso de dúvidas ou para obter mais informações sobre esse estudo o Sr. (a) poderá entrar em contato com:

Emília Carla de Almeida Alcides – Professora responsável pela pesquisa (Fone: 0X84 3215-2917)

Nila Patrícia Freire Pequeno – Coordenadora do Curso de Nutrição (Fone: 0X 84 – 3215-2917)

Comitê de Ética em Pesquisa da FARN (Fone: 0X84 – 3215-2917)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

CONVIDAMOS O ALUNO (A) _____, A participar da pesquisa sobre alimentação e nutrição na educação infantil. Gostaríamos de desenvolver com a criança atividades de educação nutricional em sala de aula e observarmos o seu envolvimento em tais atividades. Os benefícios deste estudo contribuem para o conhecimento de uma boa alimentação e para evitar a desnutrição ou a obesidade. A participação de seu(s)/as filho(s)/as será confidencial e os resultados desta investigação serão publicados no Trabalho de Conclusão de Curso, revistas científicas e eventos. Porém, as informações sobre a criança serão mantidas em sigilo e não serão identificadas como participante da pesquisa em qualquer publicação ou evento. A participação é voluntária e a desistência em qualquer momento da pesquisa não trará qualquer prejuízo ao participante. A criança pode sair da pesquisa em qualquer época que deseje, bastando que você avise a qualquer dos pesquisadores envolvidos.

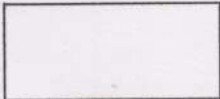
Consentimento livre e esclarecido:

Li ou alguém leu para mim as informações contidas nesse documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro, também, que toda a linguagem técnica utilizada na descrição desse estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste termo de consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou o meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar como voluntário nesta pesquisa.

Nome da criança (letra de forma): _____

Assinatura (responsável)


Assinatura dactiloscópica

Compromisso do investigador

Eu discuti as questões acima com os participantes. É de minha opinião que o responsável pela criança entende os riscos, benefícios e obrigações deste projeto.

Vagna Cabral (Estudante de Nutrição/FARN)

Assinatura de testemunha

Data: ____/____/____